



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Brasil

Mendes da Silveira Jr., Potiguara

Poder das formações: o artista, o rei, a rainha, o quadro, o filme ...

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 21, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 165-185

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551015009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Teorias da Comunicação

Poder das formações: o artista, o rei, a rainha, o quadro, o filme ...¹

Power of the formations: the artist, the king, the queen, the painting, the movie ...

POTIGUARA MENDES DA SILVEIRA JR.

Professor no PPGCom da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora, MG, Brasil.

<potiguaramsjr@uol.com.br>

RESUMO

Exposição da *teoria polar das formações*, trazida pela Nova Psicanálise, e suas imbricações com a teoria do conhecimento denominada *Gnômica*, com a teoria da comunicação denominada *Transformática* e com a proposta de uma teoria geral do poder tomado como *bottom-up* e como verbo. Estudos de casos sobre: Diego Velázquez, na corte espanhola de Felipe IV no século 17; Francis Bacon, na Inglaterra de 1945; Lucian Freud, pintando o retrato da rainha em 2001; e o filme *A Rainha*, de Stephen Frears, em 2006. O intuito é pesquisar sobre a utilidade da teoria das formações para os estudos da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias da comunicação. Teoria geral do poder. Nova psicanálise.

ABSTRACT

Exposition of the *polar theory of formations*, presented by New Psychoanalysis, and its imbrications with the theory of knowledge named *Gnomics*, with the communication theory named *Transformatics*, and with the proposal of a general theory of power (power considered bottom-up and as a verb). Case studies on: Velázquez in the seventeenth century Spanish court of King Phillip IV; Francis Bacon in 1945's England; Lucian Freud painting the Queen's portrait in 2001; and the movie *The Queen*, by Stephen Frears, in 2006. The objective is to research the theory of formations' utility to the communication studies.

KEYWORDS: Theories of communication. General power theory. New psychoanalysis.

De cima para baixo / de baixo para cima

No início do século XX, Max Weber (1864-1920) distinguiu três tipos puros de poder legítimo: legal, tradicional e carismático. Uma de suas definições de poder é: “a possibilidade de encontrar obediência a uma ordem determinada” (1922, p. 3). Seu interesse maior estava em formular “o conceito de autoridade, que para ele era sinônimo de ‘poder legítimo’” (Feres Jr.; Progrebinschi, 2010, p. 160).

Na segunda metade do século, Michel Foucault (1926-1984) também se destacou por estudar o *problema do poder* sob várias formas ao longo de sua obra. Em suas conferências no Rio de Janeiro, em 1973, diz que ele, Gilles Deleuze e Félix Guattari procuram “fazer aparecer o que na história de nossa cultura permaneceu até agora mais escondido, mais oculto, mais profundamente investido: as relações de poder” (Foucault, 2006, p. 24). Daí a cinco anos, em Tóquio, após aventar que a filosofia teria sido “secretamente, seja lá o que for que ela tenha dito, uma certa filosofia do poder” (Foucault, 2006, p. 43), reitera que uma filosofia analítica da política tem por tarefa colocar a seguinte *questão ingênua*: “em que consistem, na verdade, as relações de poder?” (Foucault, 2006, pp. 43-44). Quando coloca esta questão, já vinha estudando os jogos de poder relativos à loucura, à medicina, à doença, à penalidade, à prisão e ao que chamara de biopoder.

Interessa-nos aludir à obra destes dois autores como exemplo da importância que o tema do poder ganha no século passado. Isto para demarcar que nosso foco de estudo, diversamente, recai sobre como considerar o poder levando em conta o ambiente de transfusão comunicacional e tecnológica em que hoje estamos imersos e que, num extremo, é planetariamente multiconectado e multiacessável e, noutro, mostra-se acirrador de diferenças e desdobramentos impositivos antes impensáveis. Parte-se, então, da ideia de que, mesmo a proposta de Foucault sendo de trazer à tona as relações de poder, ele e Weber se dirigem prioritariamente ao poder tomado como

substantivo, como pertencente a alguém, como governo das ações de outrem pela imposição da obediência.

Contra o poder assim entendido – isto é, entendido como “a probabilidade de um ator, em uma relação social, estar em uma posição para exercer sua vontade a despeito das bases sobre as quais essa probabilidade se assenta” (Weber apud Feres Jr.; Progrebinschi, 2010, p. 160) – a ênfase, para eles, necessariamente estará em “tornar visível e, portanto, intensificar as lutas, [...] as estratégias dos adversários, [...] as táticas utilizadas” (Foucault, 2006, p. 43). Os tempos eram outros e talvez justificassem esta ênfase não só deles, mas de muitos (Hannah Arendt, Jurgen Habermas, por exemplo) nesta abordagem do poder como forças já instaladas e tomadas em sua globalidade. Não é demais lembrar, como faz Foucault, que, no decorrer do século XX, tivemos uma exacerbação das práticas de pressão política e social com o fascismo e o stalinismo (Foucault, 2006, p. 38).

As idioformações e o verbo poder

Ao buscar entender o cerne do poder para acompanhar mais especificamente suas manifestações hoje, tomaremos como referência a Nova Psicanálise², que já apresentara no final dos anos 1990 uma teoria da comunicação denominada Transformática (Magno, 2000, pp. 391-428), a qual tem sido, desde então, o foco de nossa pesquisa na linha “comunicação e psicanálise”. Para ela, uma teoria geral do poder há que considerar *Poder* como verbo – o verbo *poder* (*ter a faculdade ou a possibilidade de, ser capaz de*) –, e não apenas como substantivo, o poder (*os poderes constituídos*). Assim fazendo, a ideia é possibilitar o entendimento de baixo para cima, *bottom-up*, e tomar a atribuição de poder vinda de cima para baixo, *top-down*, a usual entre os autores, como uma compreensão demasiado presa a seus efeitos já instituídos e a seus resultados como dominação instalada nas situações – deixando,

portanto, de levar em conta os elementos básicos de sua produção enquanto poder.

O verbo poder “abrange todas as possibilidades [...], em todos os sentidos, Primário, Secundário e Originário” (Magno, 2011). O sentido Primário diz respeito ao registro do que há espontaneamente dado por aí, existente desde sempre (o universo, o ar, os corpos, biológicos ou outros, a *natureza*, etc.). O sentido Secundário abrange o registro transcritivo (translato, protético, linguageiro, simbólico, cultural, etc.), característico das performances de nossa espécie em sua lida com as formações primárias antes mencionadas e também com as articulações das próprias formações secundárias.

O sentido Originário, este, é aquele que a psicanálise toma como o registro *próprio* desta espécie nossa composta de seres que, para além de sua base biológica, têm sido referidos como deuses de prótese (Freud, 1974, p. 111), como extensivos aos meios de comunicação (McLuhan, 1969), como pós-humanos, pós-orgânicos, ciborgues. São seres que não mais cabem entre os chamados *humanos*, mas, sim, entre aqueles que foram denominados *idioformações*³ (Magno, 2008, p. 229). São formações que compartilham das características primárias e mesmo secundárias dos demais seres vivos, mas que também portam a *disponibilidade* de, diante de qualquer coisa, exigir seu contrário, suspender suas diferenças e limites, dizer *não*. Foi o exercício desta disponibilidade que Freud detectou no Inconsciente em geral, no funcionamento de sonhos e atos falhos em particular, e que tomou como fato inerente a nossa competência mental.

Em suma, as idioformações são formações que portam a possibilidade da *criação*. Ou melhor, são formações *condenadas* a *criar* como única chance de dar conta da verdadeira *loucura* que as habita e não cessa de propor ultrapassagens de quaisquer limites que tenham atingido. Isto porque, na verdade, não há um limite, um fundamento desde sempre colocado e imutável, para o que quer que pensem ou façam. Só mediante *próteses* é possível viabilizar tentativas (sempre provisórias) de entendimento do que

lhes ocorre mentalmente e do que pode ser feito para diminuir o *mal-estar* (Freud, 1974) que implacavelmente acomete sua estada aqui.

Esse *aqui* a nova psicanálise chama (não de Ser, mas) de Haver (Alonso, 2010). É o campo homogêneo do que há, da emergência das formações, quaisquer que sejam, fastas ou nefastas, cuja consequência sobre as idioformações, sobre as *Pessoas*⁴ – compostas que são dos três registros: Primário, Secundário e Originário –, é sua permanente condição de serem portadoras de um ineliminável *mal-estar no Haver*, e não apenas na natureza ou na cultura.

Teoria polar das formações: teoria do poder e teoria do conhecimento

Cabe, então, propor uma definição ao mesmo tempo mais atual, mais precisa e abrangente. Poder é “a capacidade que tem uma formação de sobrepujar outra ou outras formações em alguma transação” (Magno, 2011, p. 4). Assim definido, *poder* é considerado na relação, na *transa*⁵ entre as formações, e não exclusivamente na beligerância entre pessoas, grupos ou estados: “uma situação de se poder algo sempre é em relação à capacidade de enfrentar outra formação de poder” (Magno, 2011, p. 4). Subir uma escada (ou uma parede, no caso de um inseto), por exemplo, é poder (de sobrepujar outra formação, a gravidade). E mais, todas as formações em jogo têm sua força própria. Generalizando, trata-se da “competência da formação de fazer qualquer coisa” (Magno, 2011, p. 4).

O termo *formação* é fundamental para nossos raciocínios. Ele diz respeito à *teoria polar das formações* que a nova psicanálise vem desenvolvendo junto com sua teoria do conhecimento denominada *Gnômica*. Essa, desde o momento de sua proposição, visa o “mapeamento possível entre formações do Haver” na “procura de uma formação que melhor se encaixe com outra” (Magno, 2008, p. 130). Conhecimento, por sua vez, é entendido como o que resulta de uma transa entre as formações, incluindo ou não a

presença de uma idioformação nesta transa: simplesmente “algo se anota quando algo se dá” (Magno, 2003, p. 72). Se o conhecimento se explicita somente com a participação de alguém ou de alguma formação preparada por alguém com este propósito, isto apenas implica a necessidade dessa participação *na explicitação*, “mas não que seja desse alguém a produção” (Magno, 2004, p. 75).

O que interessa é a transa entre as formações – na qual pode estar presente uma ou mais idioformações – que pressionam, se articulam e configuram situações em função dos próprios processos em jogo nessa transa. Vê-se aí um diferencial claro para com as abordagens de base epistemológica, já que não se pressupõe um *sujeito* diante de algum *objeto* para que haja conhecimento: são, sim, *formações em transa resultando em conhecimento*. Conclui-se, então, de modo amplo, que: *as formações, quaisquer, são conhecimento*, o que implica uma pragmática que sempre parta do próprio conhecimento (e não de sujeito/objeto) em sua tentativa de pensar o conhecimento (Magno, 2008).

As formações são compostas de um aglomerado de estruturas que não têm como impedir seu movimento de transformação em outra coisa que não elas mesmas. O que conseguem é pontualmente manter-se enquanto “*polos*, configurados como formação e como resistência” (Magno, 2007, p. 113). São polos constituídos por uma zona *focal*, onde se concentra sua força maior, e uma zona *franjal*, cujo término não se tem como definir. A *teoria polar das formações* é aquela que reconhece a existência de polos e busca apreendê-los mediante a descoberta de focos e a descrição aproximada da franja (Magno, 2007, p. 115).

Trata-se aí de pensar em aglomerados de formações sem fronteiras, mas que se polarizam e se configuram como formação e como resistência. No polo assim concebido, o foco pode ser situado, mas não sua franja, que é interminável e está intrincada com franjas de outros polos. Por não pensar aplicando fronteiras, a teoria polar supõe que as formações se co-movem e podem se acoplar (comunicar) umas às outras a ponto de

se transformarem. Isto é pensável mediante a ideia de haver um ponto neutro entre elas em que há “indiferença entre as formações” ⁶ (Magno, 2007, p. 122) (**Fig. 1**).

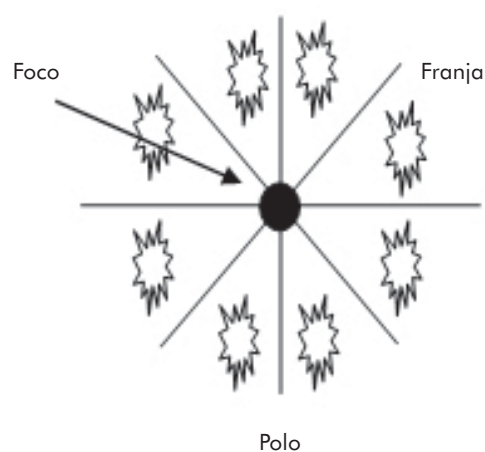


Figura 1

A teoria do poder e a teoria do conhecimento se imbricam na teoria das formações. Isto é fácil de entender se pensarmos que “qualquer formação só por ser formação tem vocação recalcante, e é recalcada por várias forças; pode certas coisas; e, enquanto constituição, nela está inscrito um conhecimento” (Magno, 2011, p. 7). Ou seja, tudo se passa numa transa de formações, na qual houve relação de poderes e da qual se extrai um conhecimento.

Assim, então, uma vez estabelecida a equação formação = conhecimento = poder, nosso propósito agora é buscar entender as manifestações de poder considerando

o que *se pode*, em qualquer circunstância, qualquer regime, qualquer nível. Isto no intuito de analisar as formações em jogo nas transas e de desfazer poderes instituídos e/ou de instituir poderes. Ou seja, de recalcar ou de desrecalcar quando necessário, pois a referência básica não é às diatribes das oposições entre as formações, e sim ao ponto neutro mencionado acima e na nota 6. A *indiferença* que aí ocorre não significa desinteresse ou descaso, e sim que – neste ponto – as diferenças entre as formações (não se desfazem, mas) *se equivalem*. É, portanto, ao contrário, a possibilidade de interesse por *todas* as formações em jogo numa transa.

Para finalizar este apanhado teórico, vejamos uma citação mais longa, mas que resume o que já dissemos e traz ainda a noção de “regime sintomático” que é importante nesta abordagem *bottom-up* do poder. Cabe, então, perguntar:

“

O que é isso, como se compõe? Pois se há poder, há formação em exercício; se há formação em exercício, há regime de recalque; portanto, há regime sintomático. Como é o sintoma que nos interessa suspender, dissolver ou dispersar, precisamos entender toda manifestação de poder, seja ela mínima, como constituição de uma ordem sintomática, por menor que seja. E quando vemos a complexificação da ordem sintomática dos poderes, vemos de repente que determinado exercício de poder que parece absurdo simplesmente não é entendido, pois a soma de poderes constituída e organizada, a soma de sintomas que estão funcionando, é tão grande, tem tantos níveis, que só o vemos funcionando lá em cima. [Então] Atribuímos poder àquilo, ao vértice da pirâmide, mas o vértice da pirâmide só tem o poder que a base lhe dá.”

(Magno, 2011, p. 9)

Os casos: Diego Velázquez e Francis Bacon

Tudo isso acima exposto⁷ resume os pontos, conceitos e noções a serem usados nos estudos de casos que propomos a seguir. O interesse, como dissemos, é clarear o que está expresso nas linhas finais da última citação: “o vértice da pirâmide só tem o poder que a base lhe dá” (Magno, 2011, p. 9).

É claro que a concepção *bottom-up* do poder não é recente. Está, por exemplo, em La Boétie (1530-1563), que se perguntava

“

[...] como pode ser que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações suportam às vezes um só tirano que tem apenas o poder que lhe dão [grifos nossos], que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto têm vontade de suportá-lo, que não poderia fazer-lhes mal algum senão quando preferem tolerá-lo a contradizê-lo?”⁸

(1982, p. 12)

Mas, diferentemente da visão do poder como bloco já instituído, que foi a característica mais marcante até o século XX, interessa-nos ressaltar que nossa contemporaneidade tem convivido com a crescente emergência, de um modo nunca antes assim manifesto, da perspectiva do poder sustentado de baixo para cima em vários lugares e situações. Justamente para acompanhar esta emergência e melhor a entender é que recorreremos à teoria geral do poder apresentada acima.

Para efeitos de nossos objetivos, tomaremos uma visada cronológica. Antes de entrar no que ocorre hoje, vejamos retrospectivamente um caso ligado à estética na Realeza espanhola do início do século XVII, que nos parece bastante preciso para mostrar

essa dinâmica do poder enquanto verbo, e não substantivado. É o caso de Velázquez (1599-1660) – já extensamente analisado por MD Magno (1986) quanto ao quadro *As Meninas* (1656)⁹ –, que, sendo pintor oficial da corte, nos é útil agora por ter dedicado parte considerável de sua obra a pintar figuras do povo, anões, cegos, doentes mentais, bufões, segundo a mesma incisividade e o mesmo exercício de experimentação com que retratou os membros da realeza. Ao fazer isto, consagrou obras-primas da pintura, tanto no aspecto técnico, quanto no da perspicácia em captar e expressar suas situações mentais, sociais e suas interações no período em que as produziu.

Um exemplo está na Torre da Parada, um ostensivo pavilhão de caça perto de Madrid (hoje destruído), em que Velázquez dispôs, junto a três quadros reais (do rei Felipe IV, de seu filho Baltasar Carlos, e de seu irmão, o príncipe Ferdinando de Habsburgo, todos em roupa de caça), dois quadros que fazem conexão com estes graças a um “fundo comum, com montanhas cobertas de neve” (Montanari, 2011, p. 86). São eles (Fig. 2): o retrato de um anão com códice sobre os joelhos (*Retrato de Don Diego de Acedo, el primo*), c. 1645; e *Retrato do Anão Francisco Lezcano*, c. 1643-1645, ambos participantes dos trabalhos na corte:



Figura 2 – Retratos de Don Diego de Acedo, el primo; e do Anão Francisco Lezcano.

É Velázquez o responsável pela decoração do pavilhão e vem dele o *ato* de ter colocado juntos no mesmo ambiente esses representantes de dois extremos na escala social. Os anões “não apareciam apenas como párias humanas ao redor da realeza. Um papel de destaque, ao contrário, era dado a eles” (Montanari, 2011, p. 27).

Queremos ressaltar o fato de que, para nós, Velázquez estava ciente de que *podia* fazer isto, e é admissível supor que o fez por *ver-se* também, de algum modo, como um deles na corte – no entanto, mais que isto, o ato de pintá-los em posição de destaque e de lá os dispor explicita bem a clareza que tinha de que, assim como ele, participavam do lugar de sustentáculo do poder então instituído. Pintar anões e bufões era comum na época, eles eram bastante usados como divertimento entre os nobres. Entretanto, diferentemente de quadros de outros pintores, Velázquez os pinta evidenciando sua condição, sim, mas sem caricatura, ironia ou gozação. É esta clareza de visão que pode igualmente ser acompanhada no quadro *As Meninas*, em que o *olhar (do) artista* ordena toda a cena; em que o pintor se representa participante da intimidade da família real; e em que a anã e o liliputiano são mostrados em posições tão precisas e sabedoras de sua importância quanto as dos demais cortesãos. Isto não significa que todos os personagens retratados soubessem efetivamente das posições que ocupavam naquele contexto, e sim que *é o quadro que os mostra* participantes integrais desta ordenação constituída pelo artista. Não há sujeito aí, apenas *cosa mentale*: formações em transa.

Para encerrar esta consideração sobre a percepção de Velázquez quanto ao que podia e ao valor de sua posição, é conhecido o fato de que ele sempre almejou altos cargos na corte. Para tanto, teve que aceitar suas regras restritivas. Por outro lado, isto não foi impedimento para que fosse inovador e experimentador ao pintar retratos dos membros da família real ou de outros nobres. Aliás, é o que lhe valeu reconhecimento em vida pelos demais pintores. Além disso, pôde desfrutar de uma *grande amizade* com o rei: “uma intimidade que [este] não poderia permitir nem mesmo aos parentes”.

Diz-se mesmo que Velázquez “sempre apreciaria esse bizarro ‘distanciamento íntimo’” e o aplicou a seu olhar artístico (Montanari, 2011, p. 26). O que nos interessa quanto à transa de poder aí em jogo, é a produção de um avessamento de posições: a corte lhe impôs regras, mas, por sua vez, “aprendeu a aceitar as transgressões artísticas que seu pintor se permitia” (Montanari, 2011, p. 29).

O olhar (do) artista, o olhar que o poeta constitui – aqueles que o perceberam em sua força, puderam utilizá-lo como princípio ordenador de suas produções. Vejamos outro exemplo, ainda num ambiente de forte presença da realeza, a Inglaterra. É o caso de Francis Bacon (1909-1992) que, em abril de 1945, participa com Henry Moore (1898-1986) e outros de uma exposição cujo espírito era de “ação de graças por perigos honrosamente ultrapassados”. Como o que vira¹⁰ não lhe cabia deixar esquecer, é justo lá que expõe seu tríptico (**Fig. 3**) *Três Estudos para Figuras na Base de uma Crucifixão*, pintado em 1944. Nele, deparamo-nos com uma cega crueza orgânica de figuras atrozes dispostas entre objetos banais do mobiliário burguês, que insistem em

expressar o ineliminável mal-estar daquele momento em que só se falava em retorno à “vida normal” (Russell, 1985, p. 9).



Figura 3 – Três Estudos para Figuras na Base de uma Crucifixão.

O pintor produz uma visão do que viera à tona nos anos anteriores, que apenas se recolhera por enquanto e que não há como ser totalmente abolido da base de qualquer projeto civilizatório. Restando, pois, a permanente produção artificialista, protética, de possibilidades de desvelamento dessa crueza insidiosa e inescapável. É o que vemos realizado na obra: um olhar sobre formações latentes e prestes a emergir dilacerantes a qualquer momento. De novo, sem sujeito algum. Não é, portanto, estranho que o aspecto de pura voracidade automática destas imagens tenha inspirado a figura do monstro na série de filmes *Allien*¹¹.

Agora, a Rainha

No final dos anos 1990, Lucian Freud (1922-2011) é contactado para pintar a Rainha Elizabeth II. Ele, que demorava meses, se não anos, para terminar um quadro, obrigando os modelos a longas sessões em seu ateliê, de início impõe condições que, obviamente, não foram aceitas pelo gabinete da Casa Real. Após várias negociações, Freud aceita pintá-la no castelo de Saint James em sessões de curta duração realizadas entre maio de 2000 e dezembro de 2001. O resultado é um quadro minúsculo de 23,5 x 15,2cm (**Fig. 4**), em que os 75 anos da rainha são expostos com a crueza detalhista característica das obras de Freud, com 78 anos então. Dizem que a rainha não gostou – mas o quadro pertence a *Queen's Gallery* do Palácio de Buckingham.



Figura 4 – Foto de David Dawson (2001).

O fato a ser aqui ressaltado é o de a rainha, certamente conhecedora da obra de Freud (com seus nus escancarados e carnudos), *querer* ver-se sob o olhar do pintor. Sob esta condição, os poderes se equivalem: ela, que viu (e protagonizou) graves situações do século XX, se vê nos olhos daquele que também viveu estes acontecimentos e soube expressá-los de modo singular. Nossa suposição é de que gostar ou não do resultado não é o que conta, e sim que o olhar do pintor é crucial para ela poder *ver-se*. O *se* aí não se refere a indivíduo, sujeito ou ego, mas à idioformação, aquela formação que, como dito no segundo item do texto, porta a possibilidade de avessamento de qualquer formação, por mais dura, com que se depare. Portanto, podendo também ser avessada. É da idioformação que se trata para ambos nesta transa de poderes.

Outra situação, esta agora emblemática do ambiente de interconexão planetária que se deslanchará com toda força no século XXI. No filme *A Rainha* (*The Queen*), realizado por Stephen Frears, em 2006, temos, desta vez midiaticamente explicitada, a importância da base como sustentação do poder que está no topo. O enredo diz respeito às repercussões da morte da ex-princesa Diana nos dias seguintes a sua ocorrência. Diana morre em Paris, em 31 de agosto de 1997, devido a um desastre quando seu carro, em alta velocidade, era seguido por *paparazzi* em motocicletas. Se, de início, a família real não quis se ver concernida, pois Diana teoricamente não seria mais um deles, os fatos subsequentes demonstraram que ela não sairia ilesa se permanecesse nesta posição.

A população deposita flores e mensagens aos milhares na frente do Palácio de Buckingham e o sentimento que se impõe é de que a *princesa do povo* fora abandonada pela realeza (então em seu castelo de verão, fora de Londres). Temos, a seguir, as idas e vindas das negociações do recém empossado primeiro ministro, Tony Blair¹², com a rainha Elizabeth II, tentando demovê-la da posição de não concernimento. Ele alega que a imprensa pressiona, que a monarquia está em questão e, como única saída, o

povo precisa ser confortado por ela pessoalmente nesse momento de consternação e desolação nacional (com repercussões por todo o mundo).

Aquele era um evento inusitado, sem precedentes na história da monarquia inglesa, que precisava de decisões *ad hoc* e urgentes. Ao fim e ao cabo, passados cinco dias, a rainha volta para Londres, faz uma declaração pela televisão¹³ e, dia seguinte, em meio a celebridades midiáticas, comparece ao maior enterro que a Inglaterra já viu. Para fins de nossa análise, importa destacar que a sutileza do filme está em detectar o momento delicado que obriga um a ter que, junto aos seus (conselheiros e familiares – sua esposa, inclusive), reforçar a monarquia que criticara para se eleger; e a outra a oficializar o reconhecimento da mudança dos tempos e, contra tudo que ouvia em seu âmbito próximo (de conselheiros e familiares – seu marido, inclusive), acolher o que lhe era dito por aquele, que, afinal, era mais um ministro, estava num cargo passageiro, vinha de um estrato popular.

Mesmo que, na ocasião, Blair estivesse sendo incensado pela mídia e ela execrada, ambos têm a clara percepção do súbito estremecimento das bases de poder que os garante nas posições que ocupam. Estremecimento cujas consequências podiam ser desastrosas e não interessavam a nenhum deles. Após suas moções e ações, o desfecho é o reconhecimento de terem passado pela experiência de lidar com uma situação política potencialmente destruidora, independente da polaridade política de suas posições. A polaridade se mantém, mas agora ambos podem aconselhar-se – comunicar-se, diremos – sobre as questões do país¹⁴.

É o olhar (do) artista – escritor/diretor¹⁵ – reconstituindo os acontecimentos segundo a suspensão momentânea da oposição entre ambos (monarquia/plebe) como condição para uma decisão adequada às circunstâncias. A passagem de um polo da oposição a outro já foi detectada por vários pensamentos, mas aqui não é o caso de superação, dialética ou outra, e sim, da suspensão do próprio caráter opositivo das formações

que pressionam e são pressionadas em sua agonística dentro do Haver. Suspensão esta produzida no ponto de indiferenciação do revirão referido na nota 6, ponto este em que justamente se disponibiliza a possibilidade de criação, não de sínteses, mas das *próteses* (artísticas, mentais, tecnológicas) que têm caracterizado o modo de existir das idioformações.

Apresentamos este último caso por ser exemplar da emergência da percepção do raciocínio que esclarecemos não em situações ditas intelectuais, acadêmicas, etc., mas num filme assistido por milhares de pessoas e ganhador de Oscar. É preciso, aqui também, reforçar o que foi dito a propósito de Velázquez anteriormente. A hipótese que estamos seguindo não é a de que aqueles que reverenciaram Diana ou assistiram ao filme tivessem clareza desses raciocínios. O escritor que pesquisou o tema, que entrevistou vários envolvidos nas negociações (de ambos os lados) foi quem pôde conceber seu texto com bastante clareza dessa percepção (o que foi corroborado pelo diretor do filme) e constituir um olhar em que a indiferenciação das formações pôde ser mostrada – agora para um público amplo.

Vem mais por aí

Se o pensamento do século XX se pautou durante longo período pela hegemonia das descontinuidades, heterogeneidades e diferenças (natureza/cultura, significante/significado, eu/outro, sujeito/objeto), o panorama hoje em vigor se vê obrigado a acelerar suas ferramentas de análise e constantemente incluir conexões e acessibilidades inusitadas. Nosso objetivo neste trabalho foi o de mostrar que tomar o que quer que haja como formação, encarar o conhecimento como resultante de transa entre apenas formações e analisar o poder como *poder das formações*, e não de indivíduos ou de situações já instituídas, abre uma perspectiva de consideração mais depurada da nova formatação das emergências mentais, sociais e artísticas que ocorreu a partir dos anos 1980¹⁶.

A abordagem *bottom-up* do poder é hoje bastante mencionada, sobretudo em seu aspecto descritivo. É acontecimento comum, por exemplo, sabermos que a blogueira cubana, Yoani Sánchez¹⁷, nascida em 1975, poste na internet notícias sobre a situação política em seu país e isso tenha repercussões importantes na agenda da Presidente do Brasil. Ou que uma foto vire sensação no *Facebook* sob o título *Gente comum, a coragem de dizer não*: um homem com os braços abaixados em meio aos demais que, em grande número, fazem a saudação nazista durante um lançamento de navio militar no porto de Hamburgo, em 1936¹⁸. Ou que se engatilhe uma *Primavera árabe* após um verdureiro atear fogo ao próprio corpo em praça pública na Tunísia (dezembro de 2010). Ou ainda que seja postado no *Facebook* uma charge como a seguinte¹⁹ (Fig. 5), bastante ilustrativa da teoria geral do poder que resumimos no segundo tópico do texto:



Figura 5

Sabemos que nunca foi unânime a crença na perenidade de um bloco de poder instituído em determinado momento. Sempre houve ações miúdas que se mostraram deslanchadoras de grandes transformações. Entretanto, a tônica geral tem sido a de adscrever estas ações a qualidades específicas de sujeitos, subjetividades, multidões, coletivos, classes, etc., que se rebelaram contra poderes instituídos. Nosso objetivo aqui foi expor a proposta de uma atitude outra quanto a estes acontecimentos, consentânea com as exigências de nossa contemporaneidade. Portanto, além de uma atitude descritiva e referente a sujeitos e blocos instalados, trata-se de tomar estes acontecimentos como formações, como formações em transa, e buscar acompanhar suas resultantes – incluindo-se aí a ineliminável disponibilidade de um ponto de indiferenciação das oposições nessa transa. ●

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Aristides. Aspectos do verbo Haver e seu uso na Nova Psicanálise. In: *Tranz: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo*, Rio de Janeiro, v. 5, dez. 2010. Disponível em: <http://www.tranz.org.br/5_edicao/TranZ10-Aristides-VerboHaver-RevMD.pdf>. Acesso em: ???
- BOÉTIE, Etienne de La. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FERES Jr., João; PROGREBINSCHI, Thamy. *Teoria política contemporânea*. Rio de Janeiro: Campus, 2010.
- FOUCAULT, Michel. A filosofia analítica da política. In: *Ética, sexualidade e política* (Ditos e escritos V). Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- _____. A Verdade e as formas jurídicas. *Cadernos da PUC/RJ*, série Letras e Artes, 06/74.
- _____. *Les Mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966.
- FREARS, Stephen (Dir.). *A Rainha (The Queen)*. Inglaterra, 2006. Filme, 103 min.
- FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização. *ESB*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- MAGNO, M. D. Psicanálise e poder. In: *Tranz: Revista de Estudos Transitivos do Contemporâneo*, Rio de Janeiro, v. 6, 2011. Disponível em: <http://www.tranz.org.br/6_edicao/TranZ11-MagnoPoderVersãoFinal.pdf>. Acesso em: ???

MAGNO, M. D. [2008]. *AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do conhecimento*. A sair. (Uma seção foi publicada em forma de artigo intitulado *MetaPsicologia do conhecimento*. Disponível em: <http://www.tranz.org.br/artigos/MD%20Magno_Metapsicologia.pdf>).

_____. *Clavis universalis: da cura em psicanálise: revisão da clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2007.

_____. *Revirão 2000/2001: "Arte da Fuga" e "Clínica da Razão Prática"*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2003.

_____. *Introdução à transformática*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.

_____. *Psychopathia sexualis*. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.

_____. *Arte e psicanálise: estética e clínica geral*. Rio de Janeiro: Novamente, 2008.

_____. *Velut luna: a Clínica Geral da Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

_____. *A música*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.

_____. *Psicanálise & polética*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.

McLUHAN, Herbert Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MONTANARI, Tomaso. *Velázquez*. São Paulo: Abril, 2011. (Coleção Grandes Mestres, 12).

RUSSELL, John. *Francis Bacon*. Londres: Thames and Hudson, 1985.

RUSSO, Rodrigo. Overdose de imagem real: Elizabeth 2ª reina nos museus londrinos. *Folha de São Paulo*, 04 mar. 2012. Ilustríssima, p. 7.

SEARLE, John R. Las meninas and the paradox of pictorial representation. In: MITCHELL, W. J. T. (Org.). *The language of images*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980. pp. 247-258.

SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da. *Artificialismo total: ensaios de transformática; comunicação e psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.

WEBER, Max. *Três tipos puros de poder legítimo*. Publicação póstuma. Tradução de Artur Morão. <www.lusosofia.net>.

NOTAS

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XXI Encontro da Compós, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, de 12 a 15 de junho de 2012.

² Criada por MD Magno nos anos 1980. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/MD_Magno>.

³ É, portanto, a espécie das *idioformações*, que é como a Nova Psicanálise denomina os seres, que, como nós, portam os três registros de que estamos falando (Primário, Secundário e Originário). O conceito de idioformação não é específico do humano, pois supõe que seres ainda desconhecidos por nós (os ETs, por

exemplo, ou máquinas pensantes) possam igualmente portar estes três registros. As idioformações de nosso caso terráqueo são chamadas de *Pessoas*.

⁴ De acordo com a nota anterior.

⁵ Define-se como *Transas das Formações* o que ocorre entre as formações e suas consequentes resultantes. O termo *transa* é adequado ao contexto freudiano de abordagem das formações, pois, além de incluir suas transações (sexuais), transigências e transformações, supõe um ineliminável transe transferencial aí em jogo.

⁶ Isto porque a Mente – entendida como instância que: abrange o que há, é relacional e transacional, sem dentro ou fora –, diante do que quer que haja ou venha a haver (ainda que apenas em pensamento), opera conjecturando sobre a possibilidade de o oposto daquilo também (vir a) haver. É inerente à sua operação a possibilidade de passagem por um ponto neutro – chamado “ponto bívido” – em que as diferenças entre as formações são suspensas e seus opostos, seus contrários, o não-elas, se tornam, mesmo que por um instante, disponíveis – e, portanto, passíveis de transformações. Chama-se de *revirão* (Magno, 1986) a esta competência operacional da mente de, além de propor oposições, neutralizá-las e disponibilizar passagens de um polo a outro em continuidade.

Sobre o revirão, disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Revir%C3%A3o>>.

⁷ Muito sucintamente, diga-se, pois a teoria da Nova Psicanálise vem sendo desenvolvida e divulgada ininterruptamente nos decorrer dos últimos quarenta anos. Disponível em: <www.novamente.org.br>.

⁸ Tema já tratado (Silveira Jr., 2006, p. 60).

⁹ Para Magno, “o lugar do rei e da rainha [refletidos no espelho ao fundo do quadro] não é no ponto principal [projeção do ponto de vista sobre o quadro], nem é o ponto de vista [o olho de quem vê o quadro], como querem Foucault e outros” (Magno, 1986, p. 202). Ele propõe que, do ponto em que está no quadro, Velázquez esteja vendo a cena inteira (que vemos) refletida num grande espelho à sua frente (a qual também seria o que está pintando na tela que está de costas para nós no quadro [hipótese também de (Searle, 1980, p. 255), que Magno não leu na época]. A partir daí, faz a demonstração de que o ponto em que o pintor está representado no quadro é que é o ponto de vista. E o ponto principal está onde ele se vê no espelho diante dele. Portanto, “o ponto principal está no olho do próprio artista” (id., p. 243), o que faz com que “o ponto de vista coincida com o lugar do observador” (Searle, 1980 p. 245). Retenhamos, pois, de sua análise detalhada, e com inúmeras outras consequências, a *cosa mentale* (que é como Leonardo da Vinci definia a pintura), a cabeça do artista, o “olhar que Velázquez constituiu” (Searle, 1980 p. 259), como organizadores da cena que vemos no quadro. Isto, ao contrário da proposição de que o rei e a rainha, em seu lugar invisível, é que ordenariam “em torno deles toda a representação” (Foucault, 1966, p. 29) e toda a *episteme* do século XVII como lugar do poder. Embora esta possa ser a realidade daquela situação estatal, Velázquez submete ali ao olhar (do) Artista essa mesma situação, ao *poder da arte* em sua consideração. Com a descrição detalhada de Searle (1980) sobre a questão do ponto de vista apresentada no quadro, deixando-a

sem resposta: “Ele está pintando a cena que vemos, mas não pode estar porque ele está nela. De onde está no quadro, ele pode ver e pintar uma cena diferente, mas não a cena representada em *Las Meninas*” (p. 256)]

¹⁰ “[...] uma voracidade desmiolada, uma glotonaria automática e desregulada, uma devoradora e indiferenciada capacidade para o ódio” nas palavras de seu biógrafo (Russell, 1985, p. 10). Este tema já foi tratado (Silveira Jr., 2006, p. 90).

¹¹ O primeiro filme foi dirigido por Ridley Scott, em 1979 com o título: *Allien, o oitavo passageiro*.

¹² Ele é o primeiro trabalhista eleito (por grande maioria de votos) após 18 anos de mandato do partido conservador.

¹³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_moIV4wDQsY>.

¹⁴ Na série documental *A Rainha de Diamante*, exibida pela BBC 1 nas comemorações dos 60 anos de reinado de Elizabeth II, “Blair disse que as reuniões [com a rainha] eram um dos poucos momentos em que podia expressar com tranquilidade suas dúvidas sobre o caminho da nação” (Russo, 2012, p. 7).

¹⁵ Stephen Frears filma o texto de Peter Morgan.

¹⁶ O que, aliás, suscitou o surgimento dessa Nova Psicanálise pós lacaniana.

¹⁷ @yoanisanchez Cuba. Blogger, resido en La Habana y cuento mi realidad en trozos de 140 caracteres. Twitteo via sms sin acceso a la web. Para comunicar conmigo mejor x sms +5352708611. <<http://www.desdecuba.com/generaciony>>.

¹⁸ Matéria com o título *Estrela solitária* publicada no jornal *O Globo*, 10 fev. 2012, p. 2.

¹⁹ Transmitida por ocasião do “Occupy Wall Street” (iniciado em 17 de setembro de 2011). Captada em 23 jan. 2012.

Recebido em: 11 jun. 2013

Aceito em: 07 mar. 2014

Endereço do autor:

Potiguara Mendes da Silveira Jr. <potiguaramsjr@uol.com.br>

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Campus Universitário de Martelos

36036-330 Juiz de Fora, MG, Brasil